

Gomes, Conceição de Sousa. *O Homem e as Palavras: A Vida do Poeta Eugénio de Andrade*. Ilustrações de Chico. Coleção Sonhos a Cores. Porto: Ambar, 2010.

O mais recente livro infantil de Conceição de Sousa Gomes pretende divulgar o percurso e as letras do menino José Fontinhas — ou melhor, do poeta Eugénio de Andrade —, junto dos leitores com mais de seis anos. Numa área onde as publicações surgem em catadupa e nem sempre com a qualidade exigível, adicionar um propósito cultural ao lúdico é uma iniciativa a saudar. Sobretudo quando o resultado alarga o saber e estimula a imaginação tanto das crianças como dos adultos que tenham curiosidade em ler esta obra que troca Eugénio por miúdos.

Quando adquiri este livro, questionei-me, de imediato, se a pacata vida do poeta beirão resultaria num enredo suficientemente apelativo para as crianças. É sabido que a existência do escritor não foi aventureira, nem recheada de episódios épicos, susceptíveis de cativar a imaginação dos mais pequenos. Neste contexto, as vidas de Luís de Camões ou Almeida Garrett, por exemplo, sendo intervindas de paixões, viagens pelo mundo, e conflitos bélicos, interessariam mais, creio, ao público-alvo. Para resolver este desafio, Conceição Gomes separou o curioso do banal, e poliu o lustro a alguns fragmentos da vida do autor, para os tornar mais atraentes. A ida do poeta dos campos de Atalaia para Lisboa; a visão quase epifânica do lugar onde o Tejo e o mar se encontram; a descoberta da poesia, graças, em parte, a António Botto, um dos seus “encontros fatais”; ou a angústia sofrida aquando da morte da mãe, que Eugénio venerava, são alguns dos momentos descritos neste livro.

Este último incidente, suscetível de causar perturbação nos pequenos leitores, é tratado com delicadeza de pés de gato, mas sem cair no patético. Conceição Gomes enfatiza menos a perda sofrida pelo poeta e mais a forma como a ultrapassou: “Um dia, passados vários anos, o sol não nasceu como nascia todas as manhãs. Nesse dia em que a sua mãe morreu, Eugénio não tinha palavras, a sua dor era mais forte. (...) Sentiu-se desprotegido, como um menino pequeno que perde um colinho para se sentar e ouvir as cantigas de embalar da mais doce de todas as mães. Mas Eugénio era um homem crescido e

dedicado ao ofício das palavras. Aprendeu a ser forte como o jacarandá do Passeio das Virtudes, que tanto admirava, e as suas palavras voltaram a voar como notas musicais fora da pauta” (24).

Esta biografia de um dos mais irradiantes poetas contemporâneos é aqui e além pontuada pela ficção, como forma de suprir as lacunas, tornando-a mais agradável aos olhos das crianças. No entanto, a autora não deu excessiva rédea à fantasia. Pelo contrário, página a página, reconheço pormenores do percurso biográfico do escritor, bem como passos adaptados da sua obra poética, que testemunham um trabalho de pesquisa bem escorado. Por exemplo, o trecho “Nessa aldeia [Póvoa de Atalaia] José viveu os primeiros anos da sua infância com a fartura do sol e da água, a companhia dos avós paternos e com a ternura da sua mãe” (8) evoca, sucintamente, este conhecido passo de Eugénio, apresentado em *Rosto Precário* (1979): “Sou filho de camponeses, passei a infância numa daquelas aldeias da Beira Baixa que prolongam o Alentejo e, desde pequeno, de abundante só conheci o sol e a água. Nesse tempo, que só não foi de pobreza por estar cheio do amor vigilante e sem fadiga da minha mãe, aprendi que poucas coisas há absolutamente necessárias. São essas coisas que os meus versos amam e exaltam” (37).

É também com rigor que Conceição Gomes cita alguns versos de Eugénio deliciosamente singelos e sonoros: “Borboleta, borboleta, flor do ar” ou “Pelo sabor, pela cor, e pelo aroma das sílabas, tangerina, tangerina” (13). Noutros casos, a autora adapta a prosa poemas mais complexos, mantendo-os, contudo, *reconhecíveis*. Talvez o melhor exemplo resida neste passo, onde o tão antologiado poema “As Palavras” reemerge: “nos seus cadernos de capa fina, Eugénio guardou as mais bonitas, as mais luminosas, as mais cheias de ritmo. Eram palavras e mais palavras, que tratava como cristais, por serem leves e de luz e por lembrarem verdes paraísos” (28).

O traço de Chico, o ilustrador, sintoniza a mesma fidelidade ao mundo real. Por exemplo, a capa reproduz uma conhecida fotografia de Eugénio, segurando o gato negro — por quem detinha paixão semelhante à que T. S. Eliot nutria pelos felinos. O mesmo sucede com a imagem da casa de pedra onde o poeta viveu na infância, em Póvoa de Atalaia, ou o retrato de António Botto. As restantes ilustrações, em tons vivos, transmitem a atmosfera, ora bucólica, ora urbana, das localidades por onde o escritor passou — a aldeia-natal, Lisboa, Coimbra e, por fim, Porto —, com destaque para a região beirã. Abre-se o livro e esvoaçam borboletas e gaivotas, as crianças riem e jogam, num céu de Verão perpétuo, tinto das cores da infância,

realçando o dinamismo das ilustrações. Outras imagens, mais serenas, mostram o pequeno José a ler para si ou para os companheiros de traquinice, que o escutam, embevecidos, a bola de futebol já esquecida. Só a capa destoa desta festa de tintas, por ser monocromática — uma opção desconcertante. O adágio inglês afirma “don’t judge a book by its cover”; porém, num livrinho infantil, as crianças são seduzidas, desde logo, pelo grafismo da capa, pórtico de entrada para um mundo onde as letras são fantasia.

Porque da vida de um poeta maior se trata neste livro, a leitura e a escrita merecem especial destaque. Há passos do texto que encorajam o gosto pelo ofício das letras: “A sua imaginação fazia as mais belas viagens e paragens pelo sentido das palavras, que se transformavam depois em frases e, aos poucos, em pequenos poemas que soavam como música ao seu ouvido de criança. Era a música das palavras que o encantava e lhe alimentava a vontade de descobrir mais e mais” (14).

Como professor de Escrita Criativa, apraz-me verificar que a autora indicia alguns princípios desta área, devidamente adaptados à faixa etária dos leitores. Realça, por exemplo, que a beleza não está nas coisas (pessoas, animais, objetos, situações ou ideias), mas na forma de olhar para estas: “A cidade [do Porto] era pobre, suja e um pouco triste pelo nevoeiro que subia do rio, mas havia um certo encanto no ar (...). Com o tempo, aprendeu a admirá-la e a escolher palavras para a descrever. Descobriu também as palavras de muitos outros homens que viam a cidade com olhos de poeta” (22). Paralelamente, Conceição Gomes enaltece, em vários momentos da narrativa, a musicalidade dos vocábulos, e a absoluta importância de os saber escolher, como parte do ofício do escritor (13-14, 21). São ideias básicas para qualquer escritor aprendiz, como é sabido.

É previsível e desejável que este livrinho abra caminho para uma série de biografias infantis, capazes de divulgar, com o imprescindível rigor, autores consagrados junto do público de palmo e meio. A escolha de Eugénio como tema deste volume é acertada, até porque o autor também escreveu para crianças: destaco a narrativa *História da Égua Branca* (1976) e *Aquela Nuvem e Outras* (1986), um conjunto de poemas dedicados ao afilhado, Miguel Moura.

O Homem e as Palavras: A Vida do Poeta Eugénio de Andrade constitui, em suma, uma obra adequada, no espírito, tema e extensão, à mentalidade e aos conhecimentos do público-alvo. Mérito adicional, não resvala para a condescendência nem imbeciliza as crianças, como sucede com numerosos volumes de literatura infantil e mesmo alguns

manuais escolares do primeiro ciclo. Eugénio teria erguido os polegares a este livro que, a um tempo, educa e estimula a imaginação dos mais pequenos. Um dia, talvez sejam grandes escritores, enriquecendo a nossa longa tradição poética. Assim seja.

JOÃO DE MANCELOS